

**JOSÉ P. CASTIANO: DO ESPÍRITO DA TRADIÇÃO AO ESPÍRITO DA
RECONCILIAÇÃO**

**JOSÉ P. CASTIANO: FROM THE SPIRIT OF TRADITION TO THE SPIRIT
OF RECONCILIATION**

**JOSÉ P. CASTIANO: DEL ESPÍRITU DE LA TRADICIÓN AL ESPÍRITU
DELA RECONCILIACIÓN**

Maulana Domingos Maulana¹
Tiago Tendai Chingore²

RESUMO

Este texto resulta da interpretação do livro do filósofo moçambicano José Paulino Castiano, intitulado: *Do Espírito da Tradição ao Espírito da Reconciliação*, 1ª Edição, 2021. No entanto, trata-se de um exercício hermenêutico de busca por compreensão a partir do pensamento do autor, no sentido de se estabelecer uma análise mais ampla sobre o Espírito da Tradição e o Espírito da Reconciliação. O objectivo é problematizar o título deste livro especificamente, será uma transição de um “Espírito” ao outro? O que vai ser Espírito da Tradição e o da Reconciliação na concepção de Castiano? A Covid-19 representa o possível fim da humanidade? O que se pretende reconciliar de facto? Ora, a África e os africanos são por natureza agentes/sujeitos da Reconciliação, tanto que ao longo de vários ciclos de história conturbada, esse Espírito se manteve resistente e firme. Não obstante, segundo Castiano (2021) não se trata somente de buscar uma Reconciliação com o nosso passado colonial e suas espiritualidades cristã e instituições modernas. Trata-se também, agora e doravante, de buscar uma Reconciliação que dê conta das manifestações deste espírito nas suas vertentes de religião, política, cultura e da própria filosofia. A Covid-19 abalou profundamente a humanidade, tanto que se chegou a pensar que seria o fim. Todavia, o sujeito da reconciliação esteve como sempre apto para encontrar soluções locais a esse problema global e, por acaso, resistiu e cá estamos.

Palavras-Chave: Ubuntu; Tradição; Reconciliação; Pós-Humanismo; Castiano.

¹ Mestrando em Educação/Ensino de Filosofia pela Universidade Licungo, Extensão da Beira; Licenciado em Ensino de História com Habilitações em Geografia pela extinta UP-Beira (2014); e, Docente em exercício na Escola Secundária Geral do 1º e 2º Círculo de Nabúri – Pebane, desde 2014. <https://orcid.org/0009-0004-3774-3657> e maulanadomingos@gmail.com

² Pós-Doutorado na Universidade do Estado do Pará-Brasil (2023), Bolsista da CAPES; Doutor em Filosofia pela Universidade Pedagógica – Moçambique (2017); Docente afeto ao Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, Curso de Filosofia desde 2008 na extinta UP-Beira e atual Universidade Licungo, Extensão da Beira; Desde 2018 é Professor convidado no Programa de Pós-graduação em Filosofia Profissional da Universidade Federal do Piauí (PROFI-UFPI); e, têm trabalhado nos programas de Graduação e Pós-graduação em diversas IES em Moçambique. <https://orcid.org/0000-0001-8227-1637>, <http://lattes.cnpq.br/0255734111704714> e ttendaigamachingore@gmail.com

ABSTRACT

This text results from the interpretation of the book by the Mozambican philosopher José Paulino Castiano, entitled: *From the Spirit of Tradition to the Spirit of Reconciliation*, 1st Edition, 2021. However, it is a hermeneutic exercise in the search for understanding based on the author's thought, in the sense of establishing a broader analysis of the Spirit of Tradition and the Spirit of Reconciliation. The objective is really to problematize the title of this book specifically; will it be a transition from one Spirit to another? What will be the Spirit of Tradition and reconciliation in Castiano's conception? Does Covid-19 represent the possible end of humanity? What is actually intended to be reconciled? Then, Africa and Africans are by nature agents/subjects of reconciliation, so that over several cycles of troubled history, this Spirit has remained resistant and firm. However, according to Castiano (2021), it is not just about seeking a reconciliation with our colonized past and its Christian spiritualities and modern institutions. It is also a question, now and from now on, of seeking reconciliation that takes into account the manifestations of this spirit in its aspects of religion, politics, culture and philosophy itself. Covid-19 profoundly shook humanity, so that the people thought that it would be the end. However, the subject of reconciliation was, as always, able to find local solutions to this global problem and, by chance, resisted and here we are.

Keywords: Ubuntu; Tradition; Reconciliation; Post-Humanism; Castiano.

RESUMEN

Este texto resulta de la interpretación del libro del filósofo mozambiqueño José Paulino Castiano, titulado: *Del Espíritu de la Tradición al Espíritu de la Reconciliación*, 1^a Edición, 2021. Sin embargo, es un ejercicio hermenéutico en la búsqueda de comprensión desde el pensamiento del autor, en el sentido de establecer un análisis más amplio del Espíritu de Tradición y el Espíritu de Reconciliación. El objetivo es realmente problematizar el título de este libro específicamente, ¿es una transición de un "Espíritu" a otro? ¿Cuál será el espíritu de Tradición y Reconciliación en la concepción de Castiano? ¿Representa el Covid-19 el posible fin de la humanidad? ¿Qué es lo que realmente se pretende reconciliar? Ahora bien, África y los africanos son por naturaleza agentes/sujetos de reconciliación, tanto que a lo largo de varios ciclos de turbulenta historia, este Espíritu se ha mantenido resistente y firme. Sin embargo, según Castiano (2021), no se trata sólo de buscar una reconciliación con nuestro pasado colonizado y sus espiritualidades cristianas e instituciones modernas. Se trata también, ahora y en adelante, de buscar una Reconciliación que tenga en cuenta las manifestaciones de este mismo espíritu en sus aspectos de religión, cultura, política y filosofía misma. El Covid-19 sacudió profundamente a la humanidad, tanto que la gente pensó que sería el final. Sin embargo, el tema de la Reconciliación supo, como siempre, encontrar soluciones locales a este problema global y, por casualidad, resistió y aquí estamos.

Palabras clave: Ubuntu; Tradición; Reconciliación; Psthumanismo; Castiano.

INTRODUÇÃO

Este texto é produto de uma interpretação exaustiva da obra intitulada: *Do Espírito da Tradição ao Espírito da Reconciliação*, da autoria do filósofo moçambicano José P. Castiano, publicada em 2021 e relançada na cidade da Beira em 2022. O objectivo principal é compreender até que ponto o Espírito da Reconciliação emana na consciência do *Ser* africano ou moçambicano em especial e como o mesmo pode se

invocar para a sua realização no plano prático, uma reconciliação com nossas tradições, com nossa historicidade, eticidade e até com a maneira como pensamos e fazemos as coisas para nós mesmos, para os outros e para a natureza.

A materialização deste trabalho, deveu-se ao recurso da Hermenêutica textual, que consistiu na leitura e interpretação da obra do autor.

Vale apresentar em breves notas, quem é José P. Castiano? Em linhas muito breves, o filósofo moçambicano com nome completo José Paulino Castiano, nasceu na Beira, a 14 de Junho de 1962. É docente de filosofia nos três (3) ciclos na Universidade Pedagógica (UP) e autor de vários livros, entre eles: Referenciais da Filosofia Africana: em busca da Intersubjectivação (2010) e Filosofia Africana: da Sagacidade à Intersubjectivação *com* Viegas (2013). Para além da UP, trabalha também nas Universidades Agostinho Neto de Angola, Universidade Eduardo Mondlane – UEM e Barcelona (num Seminário Doutoral). Tem coordenado vários Projectos de Pesquisa: Saberes Locais e Educação (2003-2008) e Cultura e Desenvolvimento: Modernizando Tradições (2010-2018). Vários artigos científicos publicados e participações em eventos académicos, entrevistas e várias outras aparições e intervenções públicas e tem orientado de Trabalhos de Culminação de Cursos.

Com relação ao título: *Do Espírito da Tradição ao Espírito da Reconciliação*, ele parece sugerir uma transição de um Espírito (o da Tradição) para um outro Espírito (o da Reconciliação). Não obstante, Castiano (2021) busca nesta construção, induzir-nos a uma reflexão premente por uma Reconciliação que seja efectiva e que vai além do nosso passado histórico (colonizado) e a nossa maneira de conceber e exercer a política, educação e ciência – uma *Reconciliação* diga-se, com a própria *Tradição* (entendida como transmissão de valores e crenças de gerações mais velhas para as mais novas). Contudo, a contínua *Hospitalidade e Tolerância* (enquanto competência intercultural) do povo africano às várias barbaridades pelo que passou, é disso um forte e grande exemplo.

Ainda em alusão ao título do livro, o próprio autor adverte no seu prologo, que são ambos espíritos da nossa época negro-africana que assombram e ensombram a nossa historicidade, a nossa eticidade, práxis política e moral, a nossa maneira de conceber e fazer ciência, enfim, a nossa maneira de educar os mais novos.

De acordo com Castiano (2021), ambos os espíritos são tão amplos e livres que não cabe serem aprisionados por uma, duas, ou mesmo dez ou doze cabeças, pois o da *Tradição* foi inspirado pela condição de uma certa união cultural dos povos africanos; e o da *Reconciliação* pela condição intercultural com que África é constituída e erguida no Mundo.

Ora, a obra em análise é composta por quatro (4) grandes capítulos, nomeadamente: primeiro – “*Circunstâncias*” do eu: *Um intricado Caminho para a Filosofia Africana*; segundo – *Rumo a Formação e Educação Filosófica dos Africanos*; terceiro – *Um Discurso Filosófico sobre o Espírito da Reconciliação*; e, por fim, o quarto – *Meditações Covid 19: Início do Pós-Humanismo Ubuntu?* Todavia, todo o exercício hermenêutico que nos propusemos, obedeceu a sequência acima descrita, ou seja, a sequência da disposição dos capítulos do livro.

1 “Circunstâncias” do eu: Um intricado Caminho para a Filosofia Africana

José Castiano faz a abertura deste capítulo reconhecendo que a “tradição” jogou um papel fundamental ao longo de todas as circunstâncias da sua vida. Ele diz mesmo que ela (a tradição) moldou primeiro o seu carácter, depois os seus valores (particularmente a angústia perante o sofrimento do Outro) e, mais tarde, as suas convicções e escolhas de temas académicos. E não faltaram momentos maus na confrontação com os problemas da tradição. Daí as questões: *Qual é a melhor maneira de reflectir sobre os tempos e os lugares que foram dados a viver? Como pensá-los e/ou repensá-los?*

Partindo das perguntas acima elencadas, Castiano (2021), assume-se como adepto de uma perspectiva filosófica “engajada” com as circunstâncias (tempo e lugar) de que somos dados a viver. Durante todo o seu percurso de vida adulta e madura, Castiano tratou de assumir, produzir e disseminar conhecimento de acordo com três referenciais axiológicos: *docente, académico e intelectual*.

Ora, ao perpassar pela reconstituição das “Circunstâncias” do Tradicional, José Castiano remonta a sua infância em Caia, no Vale do Zambeze, em que esse tempo tradicional pode ser resumido, segundo ele, como sendo o dos paradigmas do *Crocodiloⁱ* (representando o mundo natural dos animais, das plantas de onde evoluíam simbologias e referenciais ético-comportamentais) e da *Palavra* (que rodeava a oratura/oraliteratura, nos contos, provérbios, no geral, a vida comunitária dos *aSenaiⁱⁱ*).

Já nas “*Circunstâncias*” dos *Tempos Modernos*, Castiano faz menção ao livro muito lido do professor António Cipriano, que classifica a introdução forçada do colonialismo, do socialismo e do liberalismo em Moçambique como sendo “modernidades”. Cada um desses tempos, de várias formas, justificou-se a si próprio como “moderno”, destacando-se dos tempos anteriores a si mesmo como manifestamente “positivo”. Entretanto, cada um dos tempos teve a sua própria fobia (*bantufobia – patologia colonial, alterofobia – libertária socialista, demofobia – liberal e aporofobia – neoliberal*), teatros de lutas e conflitos de interpretações entre nós (Ibidem, p. 51).

Portanto, todas as “circunstâncias” do professor Castiano, foram desembocando e influenciando em aprendizagens no *Ensino*, na *Investigação*, na *Extensão* e na *Gestão Universitária*.

A dado momento no livro, levanta-se uma segunda questão fundamental que nos remete ao segundo capítulo, ei-la: *Conseguiremos, nós, organizar uma formação filosófica que forme filósofos engajados na mudança das suas circunstâncias para um mundo africano melhor?*

2 Rumo a Formação e Educação Filosófica dos Africanos

Nessa secção, o autor procura construir e desconstruir os modelos de formação e educação filosóficas vigentes no contexto africanos. Ele defende a necessidade de se constituir e aprimorar uma forma específica de filosofar sobre África, a partir de Moçambique para o Mundo (componente educativa-interventiva segundo Castiano, 2021).

Nessa empreitada, a filosofia Ubuntu é a fonte contemporânea especificamente africana dessa energia emancipatória, que se deve levar ao mundo. Uma vez que a formação e educação filosóficas dos povos de Moçambique, África e o Mundo contemporâneo, são uma das formas de participação no desenvolvimento desses mesmos povos rumo às conquistas das liberdades (a muito negadas), à construção da democracia participativa (se fosse baseada nos fundamentos da filosofia Ubuntu melhor seria) e ao progresso baseados numa relação de “escuta” ao Espírito da Tradição, à Natureza e ao Meio Ambiente Africano (tolerância).

Daí que por uma questão didáctica (que é característica fundamental desse livro), Castiano (2021) preferiu apelidar de “semáforos” na Estrada da Formação

Filosófica, referindo-se às respostas africanas ao discurso moderno europeu sobre África (que roçavam e ainda roçam ao epistemicídio de acordo com Boaventura de Sousa Santos), sistematizando-os em duas partes:

a primeira constituída pelos filósofos “tradicionalistas”. Estes buscam uma originalidade própria e específica da Filosofia Africana a partir de ancestralidades que julgaram ser a ela intrínsecas, todavia sem necessariamente significar esta ancestralidade um “regresso ao País Natal” de uma África da Antiguidade, erroneamente considerada como “tradicional” por alguns pensadores africanistas que tentavam interpretar esse grupo de respostas. Outro grupo de respostas segue uma via mais contemporânea, “condescendente” em relação ao colonialismo, todavia será em reconhecimento desta condição colonial por cima da qual começam a construir um discurso sobre a “presença” do pensamento (libertário) africano. São por isso, respostas “universalistas” (CASTIANO, 2021, p. 132).

No entanto, em linhas gerais, encontramos na obra cinco (5) principais “semáforos”: os *Negritudistas*, a “*Filosofia*” *Bantu*, as *críticas à “Etnofilosofia”*, *Sage Philosophy* enquanto “Revolução Copernicana” (Henry Odera-Orika, grande protagonista dessa corrente e até é apelidado de “perguntador de velhos”) e *Independências Africanas versus Liberdades* (cá entre nós, Severino Elias Ngoenha e José Paulino Castiano encaixam-se perfeitamente como percussores deste último semáforo).

Com efeito, adentramos no ponto a seguir, para uma outra, nova e importante abordagem filosófica trazida pelo filósofo, que tem a ver com as peculiaridades do espírito da reconciliação.

3 Um Discurso Filosófico sobre o Espírito da Reconciliação

Em *o Discurso Filosófico da Modernidade*, o filósofo alemão Jürgen Habermas, teria dito “não foi Hegel quem iniciou o debate da modernidade. Mas sim, foi com ele que a modernidade se tornou um problema filosófico”. No entanto, Castiano, procura desconstruir o debate da filosofia africana a partir da ideia do Espírito da Reconciliação que tanto necessitamos em África.

Neste terceiro capítulo, Castiano (2021, p. 188) destaca que:

Não se trata somente de buscar uma Reconciliação com o nosso passado colonizado e suas espiritualidades cristã e instituições modernas. Trata-se na verdade, agora e doravante, de buscar um Reconciliação que dê conta das manifestações

deste espírito nas suas vertentes de *religião, política, cultura* e da própria *filosofia*.

Atendendo a colocação acima, entendemos que o autor nos alerta para que a Reconciliação que buscamos, não seja apenas com a tradição, com o nosso passado (colonizado), e sim por uma Reconciliação mais efectiva que abarque os domínios da vida religiosa, política, cultural e filosófica. E é exactamente nesta última (a filosofia), que se espera uma contribuição mais proactiva na formulação duma ética política da reconciliação. Portanto, longe da violência física (desarme das mãos) e verbal (desarme das mentes).

Ainda de acordo com o mesmo filósofo, defende que o desaparecimento formal do Outro-colonizador e racista fez surgir “*novos outros*”: o *Outro-etno* ao qual se vem juntar outras divisões tais como *Outro-pobre, Outro-género, Outro-partido, Outra-geração, Outro-religião*, etc. (cf. CASTIANO, 2021, p. 188).

No geral, uma diversidade tal que exige competências intercultural muito forte, para garantir uma reconciliação com todos esses Outros. Daí que a ética e filosofia Ubuntu deve estar na vanguarda dessa empreitada. Aliás, é mesmo pela humanização contínua no *Munthu* através da educação.

Então, como viver juntos?

De acordo com Castiano (2021), no reino das liberdades políticas, clama por narrativas de reconciliação entre diferentes tecidos sociais e povos que fazem parte do mesmo país. Essas narrativas de reconciliação circulam na esfera pública africana, muitas vezes, sob forma de debates em torno de temas tais como “a paz pós-guerra civil”, “a reconciliação pós-apartheid”, “justiça social”, “paz pós-conflito”, “paz e justiça”, “verdade e reconciliação”, ou ainda “economic freedom” e, recentemente em Moçambique, sob o conceito “inclusão”, “acordo”, “tréguas das hostilidades”, etc. (p. 191).

Se reconhecermos que afinal “*Eu sou porque o Outro também é*”, ultrapassaremos esse dilema de paz momentânea. Pois, a paz e reconciliação devem ser efectivos.

Entretanto, a reconciliação proposta por Castiano nessa obra procura combinar e articular *racionalidades* com a *razoabilidade* de algumas regras democráticas. Porque, sabe-se que nem sempre o que é *racional* é também *razoável* e vice-versa. Por

exemplo (mas um exemplo provocador): será que numa altura em que celebra-se o 30º aniversário do Acordo Geral de Paz – AGP e, sobretudo, numa época em que se prega a reconciliação nacional como prioridade para todos, então, atribuir nomes de nossos opositores políticos sobre os nossos “fracassos” governativos seria uma boa maneira de reconciliarmos-nos com estes ou de estabelecer uma convivência política sã com eles?

Outrossim, a sobrevivência do *Sujeito da Reconciliação* segundo Castiano (2021):

resulta duma interação argumentativa, em que a palavra é o seu único e fundamental método para convencer o Outro sobre os seus propósitos. Este sujeito fala, argumenta, intervém em processos políticos, procura constantemente compreender o “espírito” do comum, reconciliatório e de consenso, partilha responsabilidades, remove constantemente os obstáculos ao diálogo – aliás, nunca concebe um diálogo ou paz como sendo “definitivo” (CASTIANO, 2021, pp. 195-196).

Da citação acima é possível depreender que a preocupação do filósofo é de se poder evitar no máximo partir para uma situação de violência (até armada algumas vezes) por alegadamente não se encontrar alternativas pacíficas de suportar ou contornar a diferença do Outro. Entretanto, a História reza que vários diferendos políticos, e não só, apenas encontraram e encontram desfecho pela via negocial (diálogo).

Um olhar nas metamorfoses do Espírito da Reconciliação

Em cada uma das fases da construção da história das liberdades, sobretudo, no contexto da condição africana na História Universal, o espírito da reconciliação não se contentou somente com a sua realização na fase final da história. Hegel citado por Castiano (2021) anunciou a chegada do Estado Moderno, mas não foi suficiente para travar o processo. Neste momento neoliberal, no qual África enfrenta a “consolidação” de estados nacionais num contexto de intensiva globalização, esse Espírito que temos vindo a referenciar repetidas vezes ao longo deste texto, assume formas de resposta à grande questão de “como viver juntos?” (cf. CASTIANO, 2021, p. 199).

Ora, Castiano (2021, p. 200) esclarece que “da esfera da religião ao domínio da política e deste ao domínio da episteme – durante as lutas pela emancipação e pelas

liberdades são difíceis de descrever devido à sua transmutação, consoante as circunstâncias”.

Na verdade, foram essas circunstâncias que levaram inclusive sacerdotes a aderirem aos movimentos independentistas em África, porque estava em jogo a conquista da liberdade em todas as suas vertentes, o que impunha uma luta por todos os meios possíveis.

Não obstante, o “como continuar a viver juntos apesar das diferenças e das desigualdades socioeconómicas?”, aqui o espírito de Reconciliação, até então submerso, volta a exigir, já à superfície, uma maior transmutação por parte do *Munthu-libertador* – (Ibidem, p. 200).

O que se pode constatar na asserção acima, é que trata-se de um *Munthu* que agora é detentor/gestor da máquina estatal, espera-se dele maior responsabilidade na concretização da reconciliação nacional e manutenção da paz e estabilidade social, onde querendo, pode inclusive promover a celebração duma espécie de “Pacto de Regime” com outros partidos com assento parlamentar, de tal modo que independentemente de quem venha a ganhar eleições e por conseguinte dirigir o país, se mantenha nos caris da visão de Estado de longo prazo. Quiçá desta maneira, talvez evitaríamos os receios e temores que parecem atormentar uns que não se imaginam fora do controle estatal, onde para isso, acabam recorrendo inclusive às “artimanhas” ou procedimentos injustos, ilegais e até certa medida imorais para vencer os pleitos e assim se manterem no poder a todo o custo.

Acreditamos ainda, que não precisamos disso quando estão em jogo os superiores interesses do povo, sendo que respeitar a vontade desse mesmo povo expresso nas urnas (que já devia ser uma Tradição) é garantia da Reconciliação no verdadeiro sentido do termo, e, o perder uma eleição não se equipararia ao fim da linha.

Aliás, de acordo com Ramos (2007), a ideia de reconciliação é significativa, pois, os ideais que devem estar presentes no contexto institucional histórico de uma sociedade, ainda que de forma implícita, são aqueles que os indivíduos aceitam, porque tem deles compreensão razoável e adequada. O autor coloca Rauls (*liberalismo político*) e Hegel (*idealismo político*), destacando que ambos os teóricos concordam com a tese de que a realidade social e histórica pode ser reconciliada com a medida da sua racionalidade.

Tendo em conta tudo o que ficou exposto acima, o que fazer então? Castiano (2021) responde que “devemos desarmar as mãos e depois as mentes”.

Desarmar as mãos significa não desistirmos de firmar “acordos”, prolongar as “tréguas”. Significa também reintegrar os antigos soldados de ambas as partes na burocracia do Estado e não em esquemas paralelos de projectos e financiamentos aos quais ele sempre resulta em perdedor e devedor dos bancos por causa dos juros agióticos que estes praticam. Por outro lado, *desarmar mentes* é onde uma verdadeira Filosofia Africana pode e deve contribuir na construção da Paz ajudando a construir uma ética política da Reconciliação. A fonte de energia principal de uma tal ética é a convicção, segundo a qual é possível e fundamental a humanização do “inimigo” (agora adversário político) na sua qualidade de um simples e igual ser humano (Castiano, 2021, p. 215).

Ainda segundo Castiano (2021, p. 216), “para o sucesso no desarmamento das mentes será necessário ritualizar o Espírito da Reconciliação, porque espírito sem ser ritualizado morre”.

Um exemplo do espírito que estamos a perder é o da Unidade Nacional por não estar a ser ritualizado e formalizado nas nossas instituições. Devemos ser equitativos, no interesse do espírito da unidade nacional, evitar regionalizar ou *sulificar* os “heróis-pensadores”, que Castiano diferencia com os *heróis-de-armas-em-mão*. No entanto, a fé na Reconciliação ou na Unidade Nacional pode rapidamente enfraquecer se não reinventamos os ritos necessários para alimentarmos este Espírito – será necessário institucionalizar a diversidade na unidade, como defendera Filimone Meigos, num seminário sobre a Reconciliação Nacional, citado por Castiano (2021, p. 216).

Concordamos com Castiano, quando refere que não temos como garantir uma Reconciliação efectiva se as nossas acções políticas, sobretudo, no que concerne a gestão de processos eleitorais (que sempre tem sido problemática e sempre ameaçou o retorno a guerra em Moçambique) não garantir o mínimo de racionalidade e razoabilidade (justiça). Outro ponto por observar, tem que ver com a formulação dos discursos políticos, no nosso entender alguns são de forma flagrante contrários ao espírito de reconciliação que se pretende. Por exemplo, como explicar aquele discurso dum certo dirigente superior de um Partido político moçambicano, quando sugeria na sua locução em comício público (com direito a microfones e câmeras de Rádio e

Televisão para difusão), atribuir nomes de seus opositores político-partidários aos inúmeros buracos que jazam na Estrada Nacional nº 1?

4 Meditações Covid-19: Início do Pós-Humanismo Ubuntu?

Neste capítulo, o quarto e último do livro, professor Castiano problematiza a situação pandémica que o mundo testemunhou a partir dos finais do ano 2019 e princípios de 2020, indagando se a Covid-19, não seria o Início do Pós-Humanismo Ubuntu? Ao que o próprio filósofo apelidou de meditações Covid-19, ele levanta um conjunto de questões que num exercício de tentativas de respostas, nos remetem a um exercício hermenêutico da nossa própria humanidade e historicidade.

O surgimento repentino e fugaz da Covid-19 sera que representa o fim do que restava do humanismo Ubuntu? Ou, por outra, o fim da compaixão, da partilha e da solidariedade, valores-bandeira do espírito Ubuntu? O que será o *proprium* da filosofia Ubuntu na reformulação ética perante este novo fenómeno? Estamos já em plena era do pós-humanismo do qual a Covid é o seu sinal mais *globalizador* possível?

As questões acima são apresentadas na obra do professor Castiano (2021, p. 217), para reflectir os acontecimentos do período da pandemia. E a resposta a todas essas perguntas na perspectiva do Ubuntu é: NÃO. Pois, meditar sobre o porquê de cada um de nos, como indivíduos, famílias, comunidades, cidades ou nações, e o mundo, temos de combater a Covid 19 é também pensar sobre a causa última, o significado e o sentido da vida individual e colectiva.

Entretanto, explica Castiano que a causa última da vida humana é a preservação da própria vida, na sua totalidade e na natureza. Daí que “ao pensar na sua própria vida humana, o Homem pensa intrinsecamente nas vidas de outros seres planetários”. Pois, a “vida humana é o único fenómeno natural, social e individual cuja última causa, sentido e significado estão em si mesma, não fora dela, como no caso de outras coisas” (p. 218).

Todavia, desde que se mundializou o fenómeno Covid-19, até agora, ao presente e ouvimos algumas explicações que se confundem com causas últimas; e, por isso, são pseudo-causas.

Alguns atribuem à vingança da Natureza que esta a tratar de eliminar, do seu seio, o vírus mais perigoso que ela própria, a

Natureza, jamais engendrou das suas entranhas – o próprio Homem. [...]. Outros aventuram explicações segundo as quais este vírus surgiu como fruto de uma criação e maldade humana laboratorial, tendo-se ele escapado das suas mãos e do controlo provetal. Outros conseguem vislumbrar o fim do capitalismo financeiro global, fazendo antever uma jamais vista crise económica que vai coincidir com um colapso total dos mercados, anunciando uma era pós-coronavírus: *o mundo já não será o mesmo* – dizem! (CASTIANO, 2021, pp. 218-219).

Também e ainda de acordo com Castiano (2021), diante do que ficou dito acima, fomos igualmente ouvindo “conselhos” de ordem material e também comportamental como mecanismo de se prevenir e combater a este novo vírus (p. 219).

Para além destes conselhos que são muito importantes, a humanidade precisa de uma outra abordagem, trata-se de um aconselhamento espiritual-filosófico – uma dimensão que não apenas fundamenta as medidas até aqui anunciadas, como sobretudo, fortifica e renova as nossas forças vitais, já em si mesmas mortificadas e fatigadas. Devemos, contudo, perceber o esforço do Ubuntu na recriação do sentido e do significado das medidas para combater a Covid-19 como parte integrante da busca de soluções para um problema mundial, como base em soluções endógenas originais, que são sempre as melhores e autênticas (MAPONGA JOSHUA III *apud* CASTIANO, 2021, p. 221).

É aqui onde podemos associar à máxima Ubuntu segundo a qual “*uma mão lava a outra, e as duas lavam a cara*”, considerando o momento da prevenção da Covid-19, as duas podem salvar nossa vida e a do Outro; sendo este “Outro” não um sujeito qualquer, abstrato, senão um “próximo mais próximo”, concreto, das nossas relações imediatas, como sejam o filho ou a filha, o ou a cônjuge, os pais, os avós, a namorada ou namorado, etc. (CASTIANO, 2021, p. 222).

Com o exposto acima, extraímos o entendimento de que o princípio Ubuntu alia-se perfeitamente a outro princípio, neste caso, o princípio bíblico (que inclusive faz parte do rol das leis divinas) – “amar o Outro como a si mesmo”, ora, por que não prevenir para evitar contrair e transmitir aos outros o vírus?

Só para dissipar equívocos sobre a perspectiva Ubuntu, para Ramose citado por Kashindi (2017), Ubuntu é “a raiz da filosofia africana [...] a fonte da qual derivam-se tanto a ontologia quanto a epistemologia africanas” (p. 8).

No entanto, no auge da pandemia da Covid-19, algumas medidas foram mobilizadas para o salvamento da humanizada: *Distanciamento social que é diferente do distanciamento físico (que é correcto se dizer), a importância de ficar em casa (pois reforça os laços familiares para quem bebeu da perspectiva Ubuntu, caso contrário pode desembocar na violência verbal), evita a cultura do pânico, fomentada pelos medias, uso de máscaras.*

Na verdade, o Ubuntu pode auxiliar no cultivo da serenidade individual e colectiva perante o ímpeto do reencaminhamento de mensagens deturpadas. Castiano (2021), pensa que o desafio perante o qual o mundo inteiro se coloca em relação a esta pandemia específica (Covid-19) é conseguir comunicar-se globalmente com vista a coordenar acções comuns de prevenção e de combate em todas as nações e povos, ao mesmo tempo que essas mensagens são contextualizadas (p. 225).

As novas formas de nos comportarmos (evitar aglomerados, distanciamento físico, ficar em casa, desinfetar-se, etc.) devem ser contextualizadas não somente em termos de línguas e de linguagens, como também, e sobretudo, em atenção as culturas particulares, a situação socioeconómicas de cada grupo de pessoas, e mesmo em atenção ao *digital divide* entre as pessoas.

Considerações finais

Para finalizar, importa salientar que fazer uma análise crítica desta obra do Professor Castiano, *Do Espírito da Tradição ao Espírito da Reconciliação* (2021), configurou num exercício bastante árduo. Essa obra emergiu da proposta pela institucionalização da Cátedra de Filosofia Africana (a par da Cátedra de Filosofia da Intercultura de Severino Elias Ngoenha).

Entretanto, focámo-nos no debate sobre os riscos que corremos, tendo em conta que nos são transversais, e que, por isso, devemos partilhar tanto os males, que são compulsivos, como os bens que dependem da nossa agência de razoabilidade. Quanto mais pensamos sobre o nosso destino comum, particularmente, a partir dum filosofar reflexivo sobre nós mesmos, melhor será o nosso presente e o devir, com base na nossa tradição reflexiva, rebuscando o nosso passado a partir dos ancestrais. Sem esquecer, contudo, aquilo que nos pode fazer sermos dois: a *(Re) Conciliação* – com a nossa História, nossas tradições e entre nós.

Esta é a grande proposta de José Castiano neste livro e sobretudo, para a sua Cátedra. Aliás, este livro é também uma homenagem ao trabalho desenvolvido por Paulina Chiziane (destacada na exaltação das tradições e africanidade) e Conceição Evaristo (defensora das minorias negras/afrodescendentes no Brasil) a partir de seus respectivos lugares (países) para o mundo.

Ademais, o título parece indicar uma transição dum certo “Espírito” (o da Tradição) a outro “Espírito”, o da Reconciliação. No entanto, nada disso sucede, uma vez que o que está na base da sua tese, é o Espírito da Reconciliação aliado a perspectiva Ubuntu que deve permear sobre as nossas tradições negro africanas, nossa historicidade, eticidade, humanismo e até a nossa maneira de conceber e realizar acções de interesse particular e comunitário.

Não obstante, a África e os africanos são por natureza agentes/sujeitos da Reconciliação, tanto que ao longo de vários ciclos de história conturbada, esse Espírito se manteve resistente e firme.

Vale também destacar que para além do livro apresentar um conteúdo bastante interessante e pertinente em termos filosóficos, temos igualmente, uma obra bastante útil em termos de linguagem e conceitos, por possuir uma forte articulação de ideias a partir dos filósofos por ele apresentados, o que demonstra ser uma obra que merece e recomenda-se uma leitura obrigatória para quem faz filosofia, história africana, e demais ciências sociais e humanas afins.

Todavia, é daqui que ainda que tenhamos passado por uma crise global, como a pandemia da Covid-19, que ameaçava extinguir a vida e a humanidade, o sujeito da Reconciliação (imbuído do Ubuntu) foi capaz de produzir soluções locais a esses problemas globais. A filosofia é convocada, no entanto, a dar um contributo nesta proposta específica de reflectir sobre nós mesmos (a nossa humanidade hoje e seu futuro) nos vários domínios.

Portanto, reconhecendo que ainda haverá muito por ainda se dizer em tudo aquilo que ficou dito aqui neste texto, sobretudo, tratando-se dum livro ainda não muito difundido, e, sem, no entanto, muita disponibilidade de trabalhos para se poder proceder ao paralelismo nesse exercício hermenêutico. Contudo, nos confortam as palavras de Gadamer segundo as quais: *“a essência do comportamento hermenêutico consiste em não se guardar nunca, para si, a última palavra”*.

BIBLIOGRAFIA



CASTIANO, José Paulino. **Do Espírito da Tradição ao Espírito da Reconciliação.** Edi-line Editores. ISBN: 978-989-20-8229-8. Maputo. 2021. 236p.

KASHINDI, Jean-Bosco Kakozi. **Ubuntu como Ética africana, humanista e inclusiva.** Cadernos IHUideias. ISSN 2448-0304, Ano 15, nº 254, vol. 15. UNISINOS. 2017. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/254cadernosihuideias.pdf>.

Acesso em: 02 Nov. 2022.

RAMOS, César Augusto. **Hegel, Rauls e o Tema da Reconciliação.** Veritas. Porto Alegre. V. 52. n.1. 2007. pp. 25-42. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 11 Nov. 2022

Submetido em: 27/07/2023

Aceito em: 01/08/2024

ⁱ Castiano evoca o paradigma “crocodilo” em representação de tantos outros animais (leões, hienas, cobras, etc.) dos quais desde a sua infância se viu rodeado ao vivo e em palavras.

ⁱⁱ A Sena é grupo etnolinguístico da região central de Moçambique, o qual o autor pertence.